



A ENFERMAGEM NO BRASIL: DO FINAL DO SÉCULO XIX ATÉ A DÉCADA DE 40

*Alda Aparecida Mastelaro Hayashi**

*Andréia Bendine Gastaldi**

RESUMO

Este é um relato do desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, do final do século XIX até a Década de 40, focalizando as variáveis sócio-políticas e econômicas que condicionaram historicamente esta evolução.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem; História; Brasil.

ABSTRACT

It is a description of nursing in Brazil from the end of the XIX century until the 40th decade, focusing the social-political and economical variables which impose historically this evolution.

KEY-WORDS: Nursing; History; Brazil.

INTRODUÇÃO

Desde os seus primórdios, a Enfermagem vem exercendo um trabalho acrítico, fruto de uma formação na qual o modelo de assistência era centrado na execução de tarefas e procedimentos rápidos e eficientes, comandados por rígida disciplina. Em sua trajetória histórica, sofreu diversas influências que foram moldando seu perfil, tendo absorvido de maneira marcante aquelas ações advindas do paradigma religioso-militar.

* Docente do Curso de Enfermagem da UniFil. Mestre em Assistência de Enfermagem pelas UFSC/UFPR.

E-mail: alda@dilk.com.br

E-mail: gastaldi@sercomtel.com.br

ALMEIDA e ROCHA (1989, p.37), analisando historicamente a evolução da Enfermagem, observam que as mudanças na estrutura social, o Renascimento, a Reforma, e outras, transformaram o trabalho da Enfermagem, que pouco a pouco passou a deixar de ser exercido somente por religiosas.

A Enfermagem foi institucionalizada na Inglaterra, no final do século XIX, através de Florence Nightingale e, no Brasil, no início do século XX; entretanto, teve sua origem determinada muito antes, no seio da comunidade tribal primitiva, expressa através do ato instintivo de cuidar, o qual representava garantia da conservação da própria espécie. Somente a partir da institucionalização, o saber foi organizado e sistematizado, dando origem à enfermagem moderna.

A literatura enfatiza muito esse período da mudança da enfermagem tradicional para a moderna. Conforme ALMEIDA e ROCHA (1989, p.49) ... o que se pode creditar a esta transformação é muito mais o treinamento disciplinar do que o início da elaboração do saber da Enfermagem. Este saber, no entanto, era expresso através das técnicas. Segundo GONÇALVES (1974, p.47) houve um aumento significativo de profissionais da enfermagem no início do século XX para dar conta, em primeiro lugar, não do objeto da enfermagem, ou seja, o cuidado ao doente, mas do aumento crescente de procedimentos, devido ao grande número de internações e ao aumento das ações que, pelo fato de serem consideradas “manuais”, passam das mãos dos médicos para as enfermeiras.

Para GEOVANINI *et al.* (1983, p.3), no mundo ocidental moderno, diante do sistema social capitalista, vamos encontrar os enfermeiros muitas vezes distanciados de suas bases fundamentais e de sua função principal, que é o ato de cuidar: tornaram-se indefinidos quanto ao seu *status* social e sob o impacto das engrenagens burocráticas das instituições prestadoras de serviços de saúde.

Podemos então considerar o fato do desenvolvimento das práticas de saúde estar intimamente associado às estruturas sociais das diferentes nações, em épocas diversas, estando, portanto, cada período histórico determinado por uma formação social específica, trazendo consigo toda uma caracterização própria que engloba sua filosofia, sua política, sua economia e suas ideologias.

Os períodos transitórios de desenvolvimento das nações, as relações de poder e a articulação da questão da saúde dentro da perspectiva sócio-econômica e política, são os fatores que caracterizam a evolução e a trajetória das práticas de saúde nas quais a Enfermagem está inserida.

Com base nestas considerações, faz-se necessária uma retrospectiva do desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, mais especificamente do final do século XIX até a Década de 40, focalizando as variáveis sócio-políticas e econômicas a que as práticas desta área estão historicamente condicionadas.

RETROSPECTIVA

Historicamente, o desenvolvimento da Enfermagem como prática institucional se dá após a Proclamação da República em 1889. Conforme MENDES (1996, p.20), esse período determina o Sanitarismo Campanhista, significando uma visão de inspiração militarista de combate à doença de massa, com forte concentração de decisões e com um estilo repressivo de intervenção sobre os corpos individual e social.

Em 1890, o governo provisório de Prudente de Moraes estava atento aos problemas de saúde da Capital da República – o Rio de Janeiro. Sua intenção era torná-la a cidade mais bonita e saudável do Brasil.

Ainda nessa data, o Hospital de Alienados passa das mãos da Irmandade Santa Casa para o Governo Republicano e as religiosas, insatisfeitas com a direção interina, que passou a cercear muitas de suas ações, deixam o serviço de enfermagem. Para compensar a falta de pessoal, cria-se a Escola Alfredo Pinto, para formar auxiliares de enfermagem, através de um curso de duração de dois anos e sob a responsabilidade de médicos.

Apesar da crise econômica da República, a solicitação do diretor da Escola foi atendida, no que diz respeito à contratação de enfermeiras francesas para substituir as religiosas que haviam deixado o serviço de enfermagem. Foi firmado um contrato pelos ministros da França e Brasil, abrangendo um período de dois anos, de fevereiro de 1893 a fevereiro de 1895.

De acordo com MELO (1986, p.63) ... a partir de 1900, o Brasil se inclui entre os países onde o Estado controla a Saúde Pública, ainda que exercida basicamente por médicos e inspetores sanitários. Nos hospitais, os cuidados de enfermagem continuam sendo exercidos por religiosas.

A partir de 1914, em decorrência da I Grande Guerra, foi criada a Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, dirigida por médicos, que preparava mulheres da sociedade como socorristas voluntárias, para o atendimento em situações de emergência. Conforme CARVALHO e CASTRO (1979, p.6), *...estas mulheres eram voluntárias que desejavam servir ao País tanto em tempo de guerra como em tempo de paz.*

Nessa década destaca-se também a divulgação, pelo Instituto Oswaldo Cruz, da reação Machado Guerreiro para diagnóstico da doença de Chagas. Oswaldo Cruz e sua equipe ampliaram seus poderes sobre o conjunto da sociedade, modificando as legislações, e dando início ao saneamento contra a febre amarela no Rio de Janeiro. Outro fato importante desta época foi a febre espanhola, que fez milhares de vítimas em nossa população.

É importante ressaltar que a sociedade brasileira do princípio do século

XX tinha como sustentáculo, tanto no plano sócio-político quanto no econômico, o setor agrário-exportador cafeeiro. A crise do capitalismo internacional se refletia nos setores periféricos e ameaçava a economia brasileira que, por sua vez passa, a enfrentar a crise do padrão exportador capitalista.

A partir de 1920, cria-se um curso para Visitadoras Sanitárias, sendo esta a primeira categoria de pessoal de enfermagem com preparo para atuar na saúde pública formado no Brasil. Essa década revela-se de fundamental importância para a história da enfermagem, pois se esboça a primeira Política de Saúde do Estado.

GERMANO (1993, p.34) evidencia tratar-se, portanto, de uma atenção especial e imediata por parte do governo, no sentido de implementar o saneamento dos portos e núcleos urbanos em decorrência das advertências por parte dos países que comercializavam com o Brasil ameaçando suspender as negociações, caso persistissem as constantes epidemias e endemias que ameaçavam os tripulantes dos navios.

Foi nesse contexto que surgiu o Departamento Nacional de Saúde Pública, dirigido por Carlos Chagas, e também a idéia da enfermagem como profissão institucionalizada, objetivando o atendimento à nova Política Sanitária.

Segundo GERMANO (1993, p.27), quase um século depois da organização do ensino médico, é criada, no Rio de Janeiro, a primeira Escola de Enfermagem, financiada pela Fundação Rockefeller, sob a orientação de enfermeiras norte-americanas, treinadas de acordo com o Sistema Nightingale. A Escola Ana Néri foi organizada no mais alto padrão, para atender mais a uma medida governamental do que um consenso social.

Para GEOVANINI (1983), o ano de 1930 marca um momento de ruptura nas relações sociais e econômicas de nosso país, explicitada pela ascensão de Getúlio Vargas à Presidência da República, via golpe.

Ainda em 1930, segundo MELO (1986, p.66) ... com a criação do Ministério da Educação e Saúde, ocorre uma maior ingerência do governo federal no preparo de pessoal auxiliar para atuar na saúde pública. As práticas sanitárias entram em declínio juntamente com o Departamento Nacional de Saúde Pública. Os Hospitais seguem o modelo das Santas Casas de Misericórdia, sob orientação das religiosas e com pessoal sem treinamento sistematizado na prática da assistência de enfermagem. A Escola Ana Néri só se mantém funcionando graças ao apoio de feministas e deputados.

Na economia, iniciam-se as primeiras tentativas de industrialização no país, motivadas pela queda das agro-exportações.

Uma série de decretos-leis, a partir de 1932, vieram dar amparo legal às categorias auxiliares já existentes, como, por exemplo, um decreto conferindo

às irmãs de caridade com mais de seis anos de prática direitos iguais aos dos enfermeiros de saúde pública que atuavam nos hospitais das congregações religiosas.

Conforme MELO (1986, p.67), na Década de 40, em decorrência da II Grande Guerra, torna-se de vital importância a posição geográfica e econômica do Brasil, levando ao aumento do desenvolvimento urbano-industrial e crescimento do número de assalariados. Com o aumento significativo de assalariados, a saúde pública expande-se, sendo, então, criado o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), através de um acordo entre o Brasil e os Estados Unidos, tendo como objetivo assistir os trabalhadores da extração da borracha, material indispensável para a guerra.

Atendendo às pressões dos trabalhadores no sentido de melhorar a assistência médico-hospitalar, o governo cria o Hospital de Clínicas em São Paulo. Localizado no estado que era o centro-político e econômico do país, passa a ser o símbolo da supremacia da atenção médica sobre as medidas sanitárias. Para a enfermagem, o novo hospital favorece a melhoria da qualidade do ensino e da pesquisa, além de ser um novo campo de atuação, organizando o serviço de enfermagem em novos padrões.

Como evidencia MELO (1986, p.68) ... as enfermeiras passaram a administrar os serviços, como já vinham fazendo na área de saúde pública, desenvolvendo treinamento e supervisionando o pessoal auxiliar. Em agosto de 1949, é sancionada a lei que oficializa os cursos de auxiliares e regulamenta as escolas de nível superior já existentes.

Com o desenvolvimento da saúde na assistência hospitalar, a enfermagem se reveste de uma maior complexidade técnica, contribuindo para a manutenção da hierarquia social na classe profissional da Enfermagem.

CONCLUSÕES

Uma breve análise da evolução da Enfermagem no Brasil se fez oportuna, uma vez que a compreensão de qualquer área do conhecimento se encontra estritamente relacionada com as suas origens, tornando-se necessário, às vezes, buscar na história explicações para fatos que estão ocorrendo na atualidade.

Neste processo, não podemos esquecer o papel exercido pelas Santas Casas, que foram criadas com o propósito de oferecer um atendimento puramente assistencial e que, inicialmente, destinavam-se aos enfermos miseráveis.

Quando se estuda a Enfermagem no Brasil, dois pontos se destacam: o sentimento de religiosidade e a preocupação com o social. Atribui-se esse certo

exagero de religiosidade como condição primordial ao bom desempenho da profissão de enfermeira(o) no Brasil e pelo fato da mesma ser exercida inicialmente quase somente por clérigos. Outro fato é a grande vinculação da enfermagem com ordens religiosas, quer na orientação de alguns serviços de enfermagem, quer na manutenção de escolas de níveis médio ou superior.

Por outro lado, a preocupação com o social não tem um sentido muito diferente do que fora abordado sobre a religiosidade. O **social** a que a enfermagem se refere parece estar mais relacionado ao servir. Para GERMANO (1993, p.32), *...a enfermagem é uma profissão de caráter essencialmente social; a sua finalidade precípua é: servir à humanidade segundo as necessidades do indivíduo e da sociedade.*

Torna-se importante ressaltar que a base da economia da sociedade brasileira do início do Século XX era mantida pelas exportações agro-cafeeiras. Dentro desse contexto, objetivando o controle das epidemias que atingiam os portos e prejudicavam as exportações e o crescimento econômico, foram criados o Departamento Nacional de Saúde Pública e a Escola de Enfermagem Ana Néri, na Década de 20.

Nasce, em 1923, a Enfermagem Moderna no Brasil, ligada à saúde pública, em um processo da transposição do modelo americano, seguindo o Sistema Nightingale, sendo que, em seu currículo, destacam-se principalmente as disciplinas de cunho preventivo, compatíveis com o objetivo da escola: formar enfermeiros de saúde pública; mas, contrariamente a este princípio, as alunas recebiam seu aprendizado somente no Hospital Geral de Assistência.

Portanto, enquanto os problemas de saúde do país permanecem centrados no âmbito da saúde pública, os currículos da Área da Saúde, não só o da Enfermagem, concentram uma densa carga horária nas disciplinas altamente especializadas do campo curativo.

A institucionalização da Enfermagem Moderna no Brasil ocorre paralelamente à criação das condições gerais de reprodução do capital, no momento em que se inicia na sociedade a participação mais efetiva de novas forças sociais (proletariado e burguesia industrial), e em que o Estado incorpora e responde (a seu modo) as demandas sociais ocasionadas pela participação dessas novas forças. Deste modo, o processo pode ser associado ao avanço da divisão social do trabalho, vinculado à efetivação do trabalho assalariado e à transformação da relação Estado x Sociedade.

O ensino, não só o da Enfermagem, foi fundamentado nos moldes norte-americanos, mas também o de outras áreas, como Política e Econômica. A partir da Década de 30, houve a intensificação dos investimentos econômicos daquele país sobre o nosso, intermediada pela Fundação Rockefeller, servindo assim

como suporte político e ideológico. Tais investimentos favoreceram as empresas norte-americanas em uma etapa de feroz competição imperialista com outros países, como a Inglaterra.

Os anos após a II Guerra Mundial marcam intenso desenvolvimento científico-tecnológico na Área da Saúde e, na Enfermagem, significará definitivamente o abandono das práticas baseadas na “intuição e na experiência” e sua substituição por outras, fundamentadas, principalmente, nos conhecimentos da Área Médica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria C. P; ROCHA, Juan S. **O saber da Enfermagem e sua dimensão prática.** São Paulo: Cortez, 1989.

CARVALHO, V.; CASTRO, I. **Reflexões sobre a prática da Enfermagem.** In: Congresso Brasileiro de Enfermagem, 31. Fortaleza, 1979. Anais. Brasília, MEC-SES, 1979.

GEOVANINI, Telma. **História da Enfermagem.** Rio de Janeiro: Revinter, 1983.

GERMANO, Raimunda M. **Educação e ideologia da Enfermagem no Brasil.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

GONÇALVES, R. B. **Medicina e história: raízes sociais do trabalho médico.** São Paulo: USP, 1974.

MELO, Cristina. **Divisão social do trabalho e Enfermagem.** São Paulo: Cortez, 1986.

MENDES, Eugênio V. **Distrito Sanitário: o processo social de mudança das práticas sanitárias no Sistema Único de Saúde.** São Paulo: HUCITEC, 1996.